

A(U)TORES DA PRÓPRIA HISTÓRIA: INFILTRAÇÕES DAS ARTES CÊNICAS EM UM HOSPITAL DE CUSTÓDIA E TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO¹

Guilherme Augusto Nunes dos Santos², Vicente Concilio³.

¹ Vinculado ao projeto Teatro e Prisão: práticas de infiltrações das artes cênicas em espaços de vigilância.

² Acadêmico do Curso de Licenciatura em Teatro – CEART – Bolsista PROBIC/UDESC.

³ Orientador, Departamento de Artes Cênicas – CEART – vicente.concilio@udesc.br

A pesquisa em questão foi desenvolvida a partir de práticas teatrais no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) de Florianópolis. Essa instituição possui um caráter duplo como hospital e prisão, onde pessoas que cometeram um delito, consideráveis inimputáveis, cumprem a medida de segurança sob ordem judicial. Os pacientes - nomenclatura pela qual a instituição reconhece os internos, fazendo o caráter hospitalar sobressaltar o cárcere - só recebem alta após passar por uma perícia médica e receber um atestado de não periculosidade.

Debruço-me na pesquisa teórica a partir do filósofo francês Michel Foucault, da ativista, professora e filósofa estadunidense Angela Davis, do sociólogo, antropólogo e escritor canadense Erving Goffman e da médica psiquiátrica brasileira Nise Magalhães da Silveira. Além de me inspirar na educadora, escritora e ativista abolicionista Walidah Imarisha, acredito nas suas palavras em *Anjos de Cara Suja: três histórias de crime, prisão e redenção*, em que ela relata sobre histórias escondidas e esquecidas, contrabandeadas para fora dos olhos vigilantes dos agentes penitenciários. É isso que eu busco quando me infiltro nesse espaço, as histórias esquecidas, a reafirmação das identidades, o pensamento crítico e a autonomia dos corpos. Pesquisei também as dificuldades encontradas em me infiltrar, construir metodologias e permanecer nesse ambiente inóspito e com pouquíssimas referências teóricas na área.

Conduzi as aulas juntamente com minha colega de graduação e amiga Amanda Dalsenter Cardoso. Dividimos a metodologia em quatro módulos. No primeiro módulo trabalhamos o reconhecimento do campo e dos alunos através de jogos teatrais de repertório pessoal. No segundo módulo nos aprofundamos no conceito de desmecanização do corpo, com os jogos para atores e não atores do teatrólogo brasileiro Augusto Boal. No terceiro introduzimos os jogos teatrais - com fins de criar repertório coletivo, trazer algumas perspectivas de construção de personagem e de cena, a partir da referência dos estudos da pedagoga estadunidense Viola Spolin. Por fim, no quarto módulo experimentamos a construção de uma cena que foi pensada e criada pelos próprios pacientes.

A proposta prática se realizou com a exploração da criatividade, do lúdico e do imaginário, abrindo espaço para a experimentação cênica. Nosso objetivo foi, por meio da prática cênica, construir um ambiente de escuta de si e do coletivo, para que os pacientes possam afirmar-se como ator, criador, ouvinte e brincante. A experiência teatral neste contexto reafirma a importância da realização de atividades culturais no reconhecimento de grupo como pertencentes à mesma comunidade e também na construção de pensamentos e atitudes emancipatórias e autônomas, instigando a opinião crítica desses aprendizes. É a partir dessa construção de um ambiente acolhedor e inclusivo que surge o espaço para a expressão das emoções, sendo favorável à promoção da autoestima e da saúde mental. Interessa-me pensar o teatro em um lugar terapêutico - do lugar de professor de teatro e conhecedor das ferramentas impulsionadoras que o teatro pode oferecer, entendendo que não é

Apoio:



terapia e que não posso contribuir desse lugar. Seria de fato, muito mais interessante se essa pesquisa tivesse sido desenvolvida em rede, com psicólogos e psiquiatras.

Os desafios do campo eram o que mais me interessava na pesquisa e na minha formação como professor. Os alunos possuem individualidades distintas, alguns alunos possuem deficiência física, alguns se encontram altamente medicados, alguns apresentam dificuldade de comunicação, alguns são muito agitados e impacientes e outros estavam em um ritmo mais lento que a maioria, devido a alta dosagem dos remédios. As aulas precisavam ser estruturadas para que todos se sentissem incluídos e para que nós conseguíssemos construir e manter a ideia de um espaço seguro, o que é fundamental para essa pesquisa. Obviamente eu não queria correr o risco de tocar em algum assunto sensível para algum deles, acionar algum gatilho emocional, tendo em vista que eu não sabia com quais especificidades neurológicas eu estava trabalhando.

Enfrentei ao longo das aulas dias de baixa e de alta adesão, já conduzi aula com 12 alunos e com 4. Os pacientes costumavam sair no meio da aula para resolver questões institucionais, saem para trocar de atividade, ou saem sem avisar e não voltam mais. Estive ao longo desse período com o constante receio da instituição fechar, pois existe uma ordem judicial de fechamento de todos os hospitais de custódia e tratamento psiquiátrico do Brasil, e sobre esse aspecto, cabe uma outra reflexão: para onde vão esses pacientes?

Debruço-me sobre as dificuldades porque em nada me interessa romantizar esta pesquisa, a estrutura penal, ou o mito da ressocialização dos indivíduos. Conhecer, debater e pesquisar a temática e como investigar as técnicas teatrais, o trabalho de ator, com uma pedagogia engajada e respeitosa direcionada para os espaços de privação de liberdade interessa-me e penso que tais assuntos deveriam ser mais pertinentemente abordados em espaços de formação de professores. Além disso, ainda falta a universidade e os futuros professores pensarem quais são os campos que atualmente estão sendo ocupados e quais estão sendo negligenciados.

O primeiro trabalho teórico que eu escrevi na graduação tem como título *O teatro como ferramenta transformadora na ressocialização de adolescentes cumprindo medidas socioeducativas* e apesar da minha ingenuidade na época em acreditar na ressocialização, eu entendo de maneira mais objetiva o que eu pensava quando escrevia sobre o teatro como ferramenta transformadora. Nesse contexto, eu percebo a minha transformação pessoal e profissional, com uma experiência de pesquisa que me faz sentir prazer em lecionar e acreditar no potencial artístico, criativo e crítico dos meus alunos.

A prática teatral em lugares como estes, em que o aprisionamento e a solidão são a norma estabelecida, é potente no sentido em que tenta promover uma (re)humanização desses corpos cuja humanidade é diariamente negada, seus sentimentos e interesses constantemente violados. É um direito de todo cidadão o acesso à educação, arte e cultura.

Palavras-chave: Pedagogia do Teatro. Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico. Cárcere.

Apoio:

